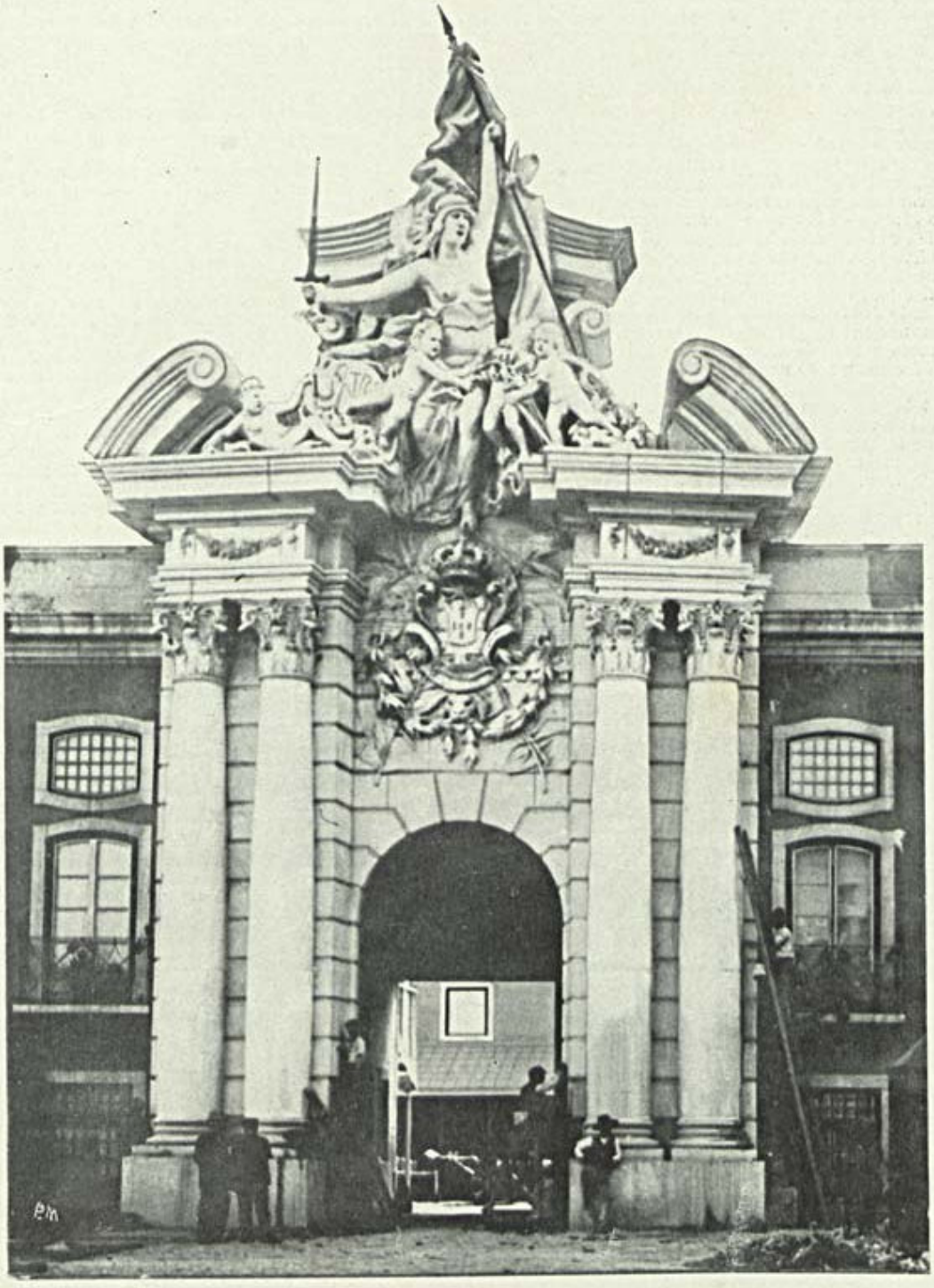
BRASIL-PORTUGAL

16 DE AGOSTO DE 1908 N.º 230

DIRECTOR — Augusto de Castilho.
PROPRIETARIOS — Victor & Lorjó.
ADMINISTRAÇÃO — C. do Sacramento, 14.
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — «A Editora», L. do Conde Barão, 50 — Lisboa.



Portal do Museu de Artilharia

Recentemente reconstruido pelo esculptor Teixeira Lopes

Centenario da Guerra Peninsular

No desempenho da missão de propaganda que á imprensa compete em tão importante assumpto e no cumprimento, ao mesmo tempo, d'um alto dever patriotico, damos hoje publicidade ao relatorio e programma elaborado pela commissão official nomeada para estudar a melhor forma de celebrar o primeiro centenario da Guerra Peninsular.

Ill.mo e ex.mo sr. — A commissão nomeada por portaria de 2 do corrente mez para estudar a fórma condigna de commemorar o centesimo aniversario da guerra peninsular vem depôr nas mãos de v. ex.ª o programma que elaborou, julgando-se obrigada a referir as considerações que determinaram a sua orientação, pois só assim se perceberá a razão de ser de alguns dos seus differentes alvitres.

O primeiro ponto sobre que incidiu a nossa attenção foi o da extensão a dar á commemoração centenaria, desolvendo-se por unanimidade que ella deveria dilatar-se de junho do corrente anno até abril de 1914, em que se completam cem annos sobre a ultima batalha pelejada pelos exercitos alliados nos campos de Toulouse contra o inimigo commum:

Meditando sobre as gloriosas datas da extraordinaria quadra que commemoramos, entende a commisão que, na serie de acontecimentos que então se deram, ha uns de caracter essencialmente civico, e outros que, embora participem tambem d'esse carecter, por que são obra das nossos heroicos soldados filhos do povo, se salientam comtudo pela sua feição eminentemente militar.

Entre os primeiros tem o logar de honra a sublevação contra o jugo estrangeiro, que em junho de 1808 rebentou quasi simultaneamente em varias localidades do paiz, obrigando o invasor a disseminar as suas forças e a manter-se n'uma rigorosa e fatigante vigilancia, que em muito concorreu para o feliz exito das primeiras operações militares nos campos da Roliça e Vimieiro; pertencem á segunda categoria de acontecimentos memoraveis as operações militares iniciadas nos alludidos campos de batalha e terminadas além dos Pyrineus, depois d'uma serie de inolvidaveis batalhas, decerto as mais notaveis de toda a nossa historia militar, sob o ponto de vista technico.

Sendo os centenarios commemorações de caracter essencialmente educativo, cujo fim principal é estimular as gerações actuaes, ensinando-lhes o exemplo dos antepassados, e arreigando-lhes na alma o amor das glorias nacionaes, patrimonio commum, todos aquelles factos, credores como poucos da nossa admiração e do nosso sincero preito, se impõem á consagração nacional.

Que ha, com effeito, mais admiravel do que o altivo exemplo d'esse heroico povo de 1808, que, sem rei, sem disciplina, ignorante da arte da guerra e munido de toscas e primitivas armas, se levanta n'um impetuoso arranco de amor pela sua ipdependencia, aleivosamente roubada, e vae corajosamente sair ao caminho dos mais experimentados soldados do mundo, n'um desafio supremo, n'um santo esforço de devoção pela patria?

Que grande e suggestivo exemplo não é tambem a impertubavel constancia com que os jovens filhos do povo se submettem á disciplina militar, transformando-se, passado pouco, de bisonhos recrutas em heroicos soldados, que impavidamente afrontaram em muitos campos de batalha, áquem e além das fronteiras, as agueiridas tropas de Napoleão?

Foram estes sentimentos que nortearam o criterio da commissão, levando-a a propôr que se appelle para as municipalidades e para todos os mestres e guias da mocidade escolar, na esperança de que. mercê da boa vontade e patriotismo d'uns e outros, ha de chegar a todos os recantos da patria e a todos os corações portuguezes um fremito de orgulho e piedosa gratidão para com os intrepidos patriotas de ha um seculo, commemoração condigna do movimento nacional de 1808, que um monumento n'uma das principaes praças de Lisboa, consagrado aos heroes da guerra da peninsula, perpetuará.

Quanto ás glorias militares, na impossibilidade de as commemorar todas apparatosamente, porque se assignalam por muitas victorias, pensou a commissão que melhor seria escolher uma que as symbolisasse, para sobre ella fazer incidir o brilho da celebração: e a escolha não podia deixar de cair sobre a batalha do Bussaco, a maior das pugnas travadas em territorio portuguez, aquella que mais vive na tradição popular, e a primeira em que o nosso exercito, já devidamente reorganisado e disciplinado, se distinguiu pela sua briosa e memoravel conducta.

Uma rememoração d'este grande feito, grande em si mesmo, mas maior ainda pelo que symbolisa, sem deixar de se celebrar no Bussaco, onde ha muitos annos piedosa e modestamente se commemora o epico lance, não póde nem deve ser exclusivomente militar, e perderia o seu caracter popular se não fosse celebrado tambem, e principalmente, em Lisboa, cabeça e coração do paiz: d'ahi nos veio a idéa d'um imponente cortejo civico-militar em Lisboa para commemorar a batalha do Bussaco. Entre as nossas propostas para a celebração da gloriosa data d'esta batalha, imaginadas todas com o fim de dar esplendor á festa, ha uma que carece de menção especial: é a bandeira commemorativa. A bandeira é objecto em todos os paizes d'um culto fervoroso, pois outra coisa não é senão o symbolo da patria: aproveitar a veneração que a cerca, para fazer da posse da bandeira um estimulo, uma distinção concedida a quem mais a merecer; conceder, emfim, o direito de fazer tremular acima das fileiras, no dia de parada, a bandeira commemorativa do centenario, mercê da perseverança nas lides da instrucção, na honradez do porte e em tudo mais que deve constituir o brio militar, tal foi a nossa idéa, crentes de que commemoravamos por fórma condigna as nossas glorias militares, e que nos não regatearíam o seu applauso aquelles que, como nós, confiam tudo dos processos educativos que visam a estimular a moral.

Além do Bussaco, só duas outras grandes batalhas são especialmente commemoradas no nosso programma: Vimeiro e Toulouse. A primeira, remate dos acontecimentos de 1808, por ser uma batalha decisiva dada em territorio portuguez, tida por muitos escriptores de merecido credito como a origem da queda do poder napoleonico; a segunda, porque encerrou o glorioso periodo que commemoramos. Dada a difficuldade de realisarmos no nosso paiz um congresso historico, relativo ao periodo de 1808-1814, para o qual escasseavam os elementos, julgamos supprir a falta estimulando os escriptores nacionaes a trazerem as suas obras a um concurso, que certamente não ficará deserto, e cujo termo, esperamos, ha de, pela sua solemnidade, fechar condignamente a commemoração centenaria da guerra da peninsula. D'este modo animamos tambem as iniciativas particulares, que tão patrioticamente se vão revelando já, especialmente em parte da nossa imprensa militar. Vem a proposito dizer que as outras batalhas primaciaes e os grandes feitos da guerra, embora não celebrados apparatosamente, nem por isso são olvidados, pois lembramos, para os commemorar, sessões solemnes e conferencias, além de lhes poder servir de commemoração a realisação de algumas das propostas incluidas no numero 10.º do programma, como a inauguração das exposições historico-militar da guerra da Peninsula, no Museu de Artilharia, e de bibliographia, sob a Direcção da Bibliotheca Nacional de Lisboa, e outras, cuja utilidade nos parece ocioso encarecer.

Não nos esquecemos tambem de que, se todos estamos unidos pelo forte vinculo do amor da patria, ninguem é insensivel ás puras glorias da sua terra; esta consideração nos suggeriu a idéa de propôr que em Caminha Villa Nova da Cerveira, Chaves, Porto, Abrantes e

O imperador Napoleão I

General Manuel Jorge Comes de Sepulveda

Campo Maior se celebrem os centenarios dos feitos memoraveis de que essas localidades foram theatro. Assim, cremos conseguir que a commemoração da guerra da Peninsula se torne verdadeiramente nacional e encontre echo em todo o paiz.

A celebração no Porto deve, porém, merecer-nos uma attenção especial. De feito, foi no norte do paiz que a guerra da Peninsula teve um caracter, quasi se pode dizer, exclusivamente nacional; foi de lá que sahiu o primeiro grito da independencia, foi lá que, sacudido o jugo estrangeiro, primeiro se estabeleceu o governo supremo do reino; foi lá, emfim, que os generaes portuguezes Sepulveda, Bernardim Freire, Bacellar e Silveira, e o bravo tenente-coronel Champalimaud,

General Silveira

pobres de recursos mas animados do mais honrado e brioso patriotismo, salvaram a honra das armas portuguezas. Eis o motivo porque a commissão propõe que no Porto, a grande e heroica cidade do norte, se erga, á imitação do que se propõe para Lisboa, um monumento aos heroes que morreram pela patria e áquelles que por ella combateram.

Resta-nos acrescentar que, em nosso entender, a commemoração do primeiro centenario da guerra da Peninsula ficaria incompleta se n'ella não se incluisse qualquer manifestação que significasse um preito de piedosa lembrança para aquelles que foram companheiros constantes dos nossos avós nos mesmos perigos e nos mesmos triumphos, em seis annos de encarniçada lucta. A este pensamento obedeceu a idéa de propôr que, á imitação do que se fez em 1852, quando falleceu lord Wellington, seja enviado a Londres um general para depôr, em nome do exercito portuguez, uma corôa de bronze, fundida no nosso arsenal, no tumulo do que foi commandante em chefe dos exercitos alliados.

Postas estas explicações indispensaveis, eis o que a commissão julga poder constituir um programma condigno da commemoração da guerra peninsular.

Programma

1.º A commemoração centenaria da guerra da Peninsula far-se-ha em differentes datas do periodo que decorre de junho de 1908 a 10 de abril de 1914, em que se pelejou a ultima batalha nos campos de Toulouse.

Parte a realisar em 1908

2.º *Commemoração civica do levantamento nacional para o restabelecimento da nossa independencia.*

a) Convidar-se-hão as municipalidades das povoações do reino que foram focos de sublevação (veja-se a nota elucidativa) contra o jugo estrangeiro em 1808 a promoverem manifestações festivas, embora muito modestas, no dia em que se completarem cem annos que o levantamento se declarou nos respectivos municipios. Muito especialmente deve este convite ser dirigido á municipalidade do Porto, por ter sido n'esta cidade que em 19 de junho do alludido anno de 1808 se constituiu a junta provisional do supremo governo do reino.

Aos municipios deve ser deixada toda a iniciativa no modo de celebrar o acontecimento que se tem em vista commemorar, prestando-lhes o governo o auxilio que entenda poder e dever conceder-lhes.

b) Convidar-se-hão egualmente todos os professores das escolas primarias oficiaes e particulares a fazerem sentir aos seus juvenis alumnos a grandeza do acto que se commemora. Do mesmo modo se procederá a respeito dos professores de instrucção secundaria, especialmente d'aquelles que regem as cadeiras de historia e lingua portugueza. No Collegio Militar, Escola do Exercito, Escola Naval e outras escolas superiores e de ensino especial promover-se-hão conferencias com o mesmo fim.

c) Far-se-hão conferencias nos quarteis e a bordo dos navios de guerra, para que chegue tambem ao conhecimento de todos os soldados a magnitude do acto, que, nas terras onde não houver data historica privativa a commemorar, se póde symbolisar no dia 19 de junho.

d) Em Lisboa commemorar-se-ha o levantamento nacional de 1808 lançando-se, em local e dia que opportunamente se designarão, a primeira pedra para um monumento aos heroes da guerra peninsular. Para este acto ter a devida solemnidade será acompanhado de uma parada militar.

e) O dia 15 de setembro, em que se completa o primeiro centenario do restabelecimento do governo nacional em Lisboa, será considerado de grande gala, fazendo-se as demonstrações do estylo e quaesquer outras que o governo entender convenientes.

3.º *Commemoração da batalha do Vimeiro.*

a) Erguer-se-ha uma simples lapide commemorativa, ou padrão, rodeado por uma grade, no campo onde se deu a batalha do Vimeiro, fazendo-se a respectiva inauguração no dia 21 de agosto. N'essa lapide dir-se-ha em brevissimas palavras que o exercito inglez, do commando de sir Arthur Wellesley, depois do seu desembarque na praia de Lavos, e auxiliado por um contingente portuguez, bateu as avançadas do exercito francez na Roliça, e depois de ter sido reforçado derrotou n'aquelle sitio do Vimeiro o grosso do exercito, commandado pelo proprio general em chefe, Junot, obrigando-o a evacuar Portugal.

Marechal Wellington

Commandante em chefe do exercito anglo-luso

General Junot

b) Assistirão á ceremonia representantes de todas as armas e serviços do exercito e da marinha, bem como dos regimentos de artilharia 4, cavallaria 6, infantaria 12, 21 e 24, e do batalhão de caçadores 6, que tomaram parte na alludida batalha. Convidar-se-hão tambem a assistir: os addidos militares estrangeiros; representantes das duas camaras do parlamento; as auctoridades locaes; quaesquer outras auctoridades de elevada categoria que o governo porventura entenda dever convidar; representantes da imprensa; os officiaes inglezes que pertençam a regimentos representantes dos antigos regimentos inglezes que tomaram parte na batalha, ou suas familias, e os representantes dos officiaes portuguezes que egualmente tomaram parte na batalha.

c) As disposições para a recepção dos convidados serão pormenorisadas pela commissão que tiver a seu cargo executar este programma.

Parte a realisar em 1909

4.º *Commemoração da defeza do Minho em 16 de fevereiro de 1808.*

Convidar-se-hão as municipalidades de Caminha e Villa Nova da Cerveira a celebrarem, embora com muita modestia, o centenario da intrepida defeza do rio Minho. O governo mandará collocar em sitio apropriado, na primeira d'estas duas villas, uma lapide commemorativa do feito celebrado, e dedicada ao general Bernardim Freire e a Champalimaud.

5.º *Commemoração do sitio e tomada de Chaves, desde 20 a 25 de março de 1809.*

Convidar-se-ha a municipalidade da alludida terra a celebrar o centenario da tomada da praça pelas tropas do general Silveira, ou nomear-se-ha para esse fim uma commissão local de pessoas importantes em que entre o elemento militar.

6.º *Commemoração da defeza da ponte de Amarante, desde 18 de abril a 2 de maio de 1809.*

Do mesmo modo que para Chaves, convidar-se-ha a municipalidade de Amarante a celebrar o alludido e notavel feito da defeza da ponte, deixando-lhe toda a iniciativa, ou nomear-se-ha para tal fim uma commissão de pessoas importantes da localidade em que entre o elemento militar. O governo mandará collocar em sitio adequado uma lapide commemorativa do notavel feito celebrado.

7.º *Commemoração da passagem do Douro e restauração do Porto pelo exercito anglo-luso em 12 de maio de 1809.*

Commemorar-se-ha este glorioso triumpho das tropas alliadas, notabilissimo pela extraordinaria rapidez com que foi effectuada a passagem do rio em frente do Porto, de que resultou ter o marechal Soult de se retirar precipitadamente para a Galliza, lançando-se em

Marechal Soult

local apropriado, na cidade do Porto, a primeira pedra para um monumento consagrado á memoria dos heroes mortos pela patria e fazendo-se por essa occasião um parada militar.

Parte a realisar em 1910

8.º *Commemoração da batatha do Bussaco.*

a) A festividade que annualmente se realisa no sitio do Bussaco, no dia 27 de setembro, será em 1910 feita com a possivel pompa, celebrando-se missa campal, a que assistirão contingentes de todos os corpos do exercito e os officiaes que o desejarem, bem como os convidados das mesmas categorias que forem indicadas para a celebração no Vimieiro.

b) Terminada a missa campal proceder-se-ha á ceremonia da benção da bandeira a que se refere a alinea seguinte, tendo por guarda de honra um pelotão formado com praças que tomaram parte na batalha do Bussaco, fardados com os uniformes d'aquella epoca.

c) Crear-se-ha uma bandeira commemorativa do centenario da guerra Peninsular, com as dimensões das actuaes bandeiras regimentaes, tendo inscriptas com letras de ouro as datas das batalhas mais celebres da guerra a que assistiram as tropas portuguezas, e alem d'ellas a historica legenda camoneana que foi concedida como distinctivo de honra aos corpos que mais se distinguiram na batalha da Victoria.

Soldado de caçadores *Soldado de cavallaria*

Uniformes do exercito portuguez em 1808

Esta bandeira, pela muita gloria que as nossas tropas adquiriram na batalha do Bussaco, terá seguro á haste um collar da ordem da Torre e Espada, e figurará unicamente nas grandes paradas e solemnidades militares, sendo, durante os cinco annos de 1910 a 1914 da commemoração do centenario, confiada aos cinco corpos que maior numero de citações alcançaram por seus feitos durante a guerra. Depois de 1914, a bandeira será guardada no ministerio da guerra, ou no Museu Militar, e será levada nas referidas solemnidades em cada anno pelo corpo que, por ordem do ministerio da guerra e sob proposta d'um conselho de generaes, for considerado mais digno d'essa honra, pelos seus serviços, pelos seus progressos em instrucção e aptidão militares, e pelo seu comportamento collectivo. A concessão d'essa honra e a consulta respectiva serão publicadas em ordem do exercito.

d) Findas as cerimonias religiosas, realisar-se-ha uma visita ao campo de batalha, dirigida por officiaes do estado maior.

e) Far-se-ha em Lisboa, no domingo seguinte a 27 de setembro de 1910 ou quando o governo determinar, uma grande commemoração civico-militar da batalha do Bussaco, organisando-se um cortejo, cujo programma se pormenorisará em occasião opportuna; ficando, porem, desde já assente que se deve procurar imprimir-lhe um caracter eminentemente nacional, para o que procurará obter representação de todas as collectividades que queiram prestar culto aos heroes da guerra da Peninsula, e que n'elle apparecerá a bandeira commemorativa do centenario, levada por um official do corpo a que foi primeiramente entregue, ladeada por officiaes e aspirantes dos outros corpos, e tendo por guarda de honra o mesmo pelotão uniformisado que a acompanhou ao Bussaco.

O cortejo irá desfilar diante do monumento aos heroes da guerra peninsular, se ao tempo estiver concluido, ou diante de qualquer outro monumento nacional, que se julgue mais adequado ás circumstancias.

Parte a realisar em 1911

9.º *Commemoração da defeza das praças de Abrantes (9 de outubro de 1810 a 7 de março de 1811) e de Campo Maior (12 a 22 de março de 1811).*

Proceder-se-ha a respeito d'estas commemorações como se disse para Caminha, Villa Nova da Cerveira, Chaves e Amarante.

a) O governo mandará collocar em sitio adequado, na praça de Abrantes, uma lapide commemorativa da heroica defeza que sustentou desde o ataque pelas tropas de Massena, logo depois d'este parar em frente das linhas de Torres Vedras, até que foi levantado o cerco, quando o mesmo marechal se viu forçado a retirar para Hespanha.

b) Na praça de Campo Maior, a lapide, egualmente mandada collocar pelo governo, será dedicada á memoria do major Talaya e dos defensores do castello.

Parte a realisar em 1914

10.º Abrir-se-ha um concurso, perante uma commissão para tal fim nomeada, para todos os livros e artigos sobre assumpto relacio-

nado com a guerra da Peninsula, escriptos durante o periodo da sua commemoração, concedendo-se um elevado premio pecuniario ao auctor da melhor obra que se apresentar, e distincções honorificas isentas de direitos de mercê aos auctores d'aquellas que se julgarem merecedoras de tal galardão.

Os trabalhos serão entregues á commissão até ao dia 31 de outubro de 1913, e a distribuição do premio e distincções honorificas far-se-ha em sessão solemne, para a qual será solicitada a presença de sua magestade el-rei, no dia 10 de abril de 1914, centesimo anniversario da batalha de Toulouse, remate da guerra peninsular. Os pormenores do concurso ulteriormente serão regulados.

Parte a realisar em data indeterminada

11.º Além dos factos cuja commemoração acima propomos, outros ha, extremamente honrosos para o exercito portuguez, e que não podem ficar esquecidos, taes são: a defeza das linhas de Torres Vedras, as batalhas de Talavera, Fuentes de Oñoro, Albuera, Salamanca, Victoria, Nivelle, Ortez, sitios de Badajoz, S. Sebastião e Cidade Rodrigo. Para commemorar taes victorias realisar-se-hão conferencias nos quarteis dos corpos que n'ellas tiveram parte, ou sessões solemnes nas localidades onde elles se acham aquartelados. Outrosim se pode fazer coincidir a realisação de algumas propostas abaixo indicadas com os anniversarios das alludidas batalhas, que assim seriam commemoradas com medidas de manifesta utilidade.

Essas propostas são as seguintes:

1.ª Enviar a Londres um general a depôr no tumulo de lord Wellington uma corôa de bronze, fundida no nosso arsenal, como homenagem do exercito portuguez, aproveitando-se para realisar tal acto, se for possivel, a occasião em que em Inglaterra se façam manifestações á memoria do glorioso commandante em chefe dos exercitos alliados.

2.ª Organisação d'uma exposição no edificio do Muzeu de Artilharia (que convirá talvez reorganisar) de reliquias, quadros, retratos, uniformes, bandeiras, e quaesquer objectos relacionados com a

Bandeira que o regimento d'infantaria n.º 9 usou durante a Guerra Peninsular

guerra peninsular, quer do Estado, quer de particulares, ficando os que pertencerem ao Estado, depois de terminada a exposição, arrumados permanentemente n'uma ou mais salas, que se denominarão «Salas da Guerra da Peninsula».

3.ª Organisação d'uma exposição, sob a direcção da Bibliotheca Nacional de Lisboa, de livros, folhetos, manuscriptos, gravuras, etc., relacionados com a guerra da Peninsula, sendo obrigatorio o concurso das outras bibliothecas do paiz. Serão concedidas menções honrosas aos particulares que concorrerem.

4.ª Reorganisação do archivo do ministerio da guerra, dando-se-lhe installação condigna, e procedendo-se a uma catalogação geral dos documentos ali existentes, especialmente dos relativos a esta guerra, de modo que se torne facil a sua consulta.

5.ª Publicação por conta do Estado de todos os documentos relativos á guerra peninsular, alguns dos quaes, já coordenados, correm risco de novamente se confundirem, formando-se com elles volumes, que se vendam por preços ao alcance do publico.

6.ª Visita de estudo aos locaes onde se deram os acontecimentos militares mais notaveis, incluindo praças de guerra e as linhas de Torres Vedras.

7.ª Restituição das antigas legendas ás bandeiras dos regimentos que com ellas foram contemplados pelo seu valor na guerra da Peninsula.

8.ª Publicação por conta do Estado dos trabalhos que sobre a guerra da Peninsula forem apresentados á commissão a que se refere o n.º 10.º quando o parecer sobre elles emittido lhes for favoravel.

9.ª Organisação d'um inventario dos monumentos militares nacionaes, creando-se no orçamento uma verba especial para a sua conservação.

10.ª Que o Estado tome a seu cuidado os monumentos funerarios erigidos á memoria dos militares mortos em campanha, quer nacionaes, quer estrangeiros, que existam dispersos pelo paiz, como são os da Roliça, Elvas, etc.

Lisboa, 23 de maio de 1908.

João Carlos Rodrigues da Costa, general de brigada, presidente; *Alfredo Pereira Taveira de Magalhães*, coronel do serviço do estado maior; *Maximiliano Eugenio de Azevedo*, coronel do estado maior de artilharia; *Christovam Ayres de Magalhães Sepulveda*, tenente-coronel de cavallaria; *Luiz Henrique Pacheco Simões*, capitão do estado maior de infantaria; *José Justino Teixeira Botelho*, capitão de artinharia, secretario e relator.

Tem o voto do sr. major de engenharia Francisco Maria Esteves Pereira.

Nota elucidativa

A patriotica sublevação nacional contra Junot começou nas provincias do norte, onde era mais fraca a força militar franceza.

Foi a 6 de junho, na cidade do Porto e em Chaves, que se levantou o primeiro grito a favor da nossa independencia, grito que foi suffocado em 8, pela timidez da auctoridade militar no Porto.

No alto Minho a sublevação começou em Melgaço (9 de junho), propagando-se d'ahi a Monção e outras terras com o apoio da junta da Galliza.

Em Traz-os-Montes foi em Bragança (11 de junho), onde o general Sepulveda muito se distinguiu, e d'ahi lavrou seguidamente por Miranda do Douro (13 de junho), Villa Real (16 de junho), Villa Pouca e Moncorvo (19 de junho).

Desde então o Porto subleva-se segunda vez (18 de junho) e é estabelecida a junta provisional suprema do governo do reino (19 de junho).

O movimento propaga-se por Guimarães (18 de junho), Braga, Vianna (19 de junho) e Barcellos (20 de junho).

A este tempo (21 de junho) é detida nos Padrões da Teixeira, proximo de Mesão Frio, pela paisanagem armada, apoiada por alguma tropa do Porto e de Villa Real, a columna de Loison, que vinha de Almeida sobre o Porto, sendo obrigada a repassar o Douro na Regua, e retirando-se então por Lamego. Castro Daire, Vizeu, Mangualde, Celorico, Pinhel (30 de junho), terras que, animadas com esse heroico acontecimento, levantam tambem o grito da independencia nacional.

Ao longo da costa a revolução foi seguindo do Porto por Aveiro, Coimbra (23 de junho), onde se fórma um corpo academico, que vae por Montemór expulsar a guarnição franceza da Figueira da Foz e da Nazareth (2 de julho).

Mais para o interior da Beira, a revolução lavrou por Condeixa, Pombal, Leiria e Thomar (30 de junho).

A 3 de julho sae de Almeida em direcção de Abrantes e Santarem a divisão de Loison (4:000 homens), que pratica crueldades na Guarda (3 de julho) e Alpedrinha (7 de julho), afastando-se da Covilhã, Penamacor e Fundão, que tambem se tinham sublevado.

No Algarve a sublevação começou em Olhão (16 de junho), propagando-se a Tavira, Faro e outras terras.

Um dos heroes da restauração do Algarve

Capitão de artilharia Sebastião Drago Valente de Brito Cabreira

No Alemtejo rebenta o grito em Villa Viçosa (19 de julho), mas os sublevados são obrigados a fugir para Juromelha e ahi se manteem denodadamente contra as tropas francezas.

Desde então levantaram-se successivamente as povoações de Marvão (26 de junho), Campo Maior (2 de julho), Ouguella (4 de julho), Arronches (12 de julho), Castello de Vide, Portalegre (16 de julho), Extremoz (12 de julho), Evora (20 de julho), Alcacer (26 de julho).

Assim pode considerar-se que os principaes focos do levantamento nacional foram: Porto, Chaves, Melgaço, Bragança, Villa Real, Coimbra, Olhão, Villa Viçosa e Juromenha.

Ephemerides da Guerra Peninsular

Anno de 1807

Novembro

Dia 19 — A vanguarda do exercito de Junot entra em Portugal pelo Rosmaninhal, fronteira da Beira Baixa.

Dia 21 — Junot entra em Castello Branco.

Dia 22 — Junot chega á Sobreira Formosa.
Dia 24 — Junot entra em Abrantes.
Dia 30 — Entra em Lisboa a vanguarda do exercito francez.

Dezembro

Dia 2 — Entrada da divisão castelhana do general Solano, em Elvas.
Dia 5 — Chega a Lisboa a 3.ª divisão do exercito de Junot.
Dia 6 — Entrada do general Charlot em Torres Vedras com duas brigadas do exercito francez.
Dia 13 — Junot manda arvorar no castello de S. Jorge, em Lisboa, e em todas as fortalezas, a bandeira imperial. Por este motivo dão-se em Lisboa alguns tumultos. — O general hespanhol Taranco occupa o Porto, desarmando as tropas portuguezas, parte das quaes mandou para França.

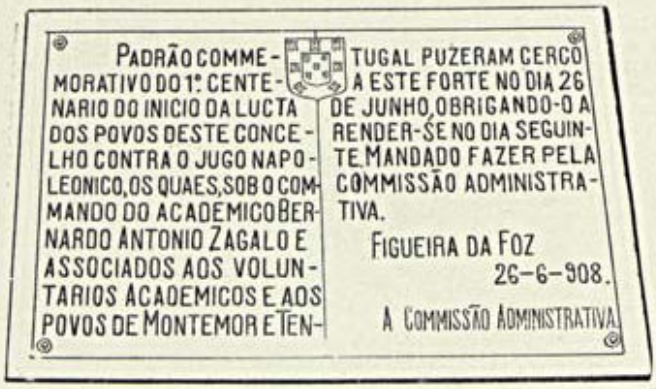
Anno de 1808

Março

Dia 11 — Os francezes occupam Elvas.
Dia 25 — Começa a sahir de Portugal a chamada Legião Portugueza para servir ás ordens de Napoleão.

Junho

Dia 6 — Primeira tentativa de revolução no Porto contra os francezes.
Dia 9 — Revolta-se Melgaço.
Dia 11 — Revolta-se Bragança.
Dia 16 — Villa Real (Traz-os-Montes) e Olhão, no Algarve, sacodem o jugo dos francezes.
Dia 18 — Revolução do Porto e de Guimarães.
Dia 19 — Revoltam-se Moncorvo, Braga, Vianna e outras localidades.
Dia 23 — Coimbra expulsa os francezes.
Dia 25 — Defeza de Beja atacada pelos francezes, que vencedores, passam á espada grande numero dos seus heroicos habitantes.
Dia 27 — Rende-se a guarnição franceza da Figueira da Foz.



Dia 30 — Sublevação de Leiria.

Julho

Dia 2 — Restauração de Campo Maior, pelos portuguezes, auxiliados pelos hespanhoes.
Dia 3 — O general Loison com 4:000 homens do exercito francez ataca a cidade da Guarda, praticando barbaridades.
Dia 5 — O general Masgaron cae sobre Leiria cuja revolta castiga duramente.
Dia 12 — Parte de Cork a divisão ingleza destinada a Portugal.
Dia 16 — Bloqueio de Almeida, pelo tenente-coronel Pizarro — Revolta de Portalegre.
Dia 20 — Sulevação de Evora contra os francezes.
Dia 24 — Combate de Malpartida.
Dia 27 — Combate de Evora.
Dia 29 — Tomada e saque de Evora pelos francezes commandados por Loison.

Agosto

Dia 1 — Começa o desembarque da expedição ingleza na praia de Lavos, junto á Figueira da Foz.
Dia 4 — Defeza de Saragoça, contra os francezes, achando-se algumas forças portuguezas de ambos os lados.
Dia 6 — A divisão do general Loison entra em Portalegre.
Dia 12 — Combate de Abrantes.
Dia 13 — Os inglezes avançam de Leiria sobre Lisboa.
Dia 15 — Os inglezes chegam a Alcobaça.
Dia 17 — Combate da Roliça, desfavoravel aos francezes — Tomada de Abrantes, pelos portuguezes.
Dia 19 — Chega a Beja com as tropas do Algarve o capitão general, conde de Castro Marim.
Dia 23 — Batalha do Vimeiro ganha pelo exercito anglo-luso aos francezes.

Um dos heroes da restauração de Portalegre
General Jorge d'Avillez Juzarte de Sousa Tavares
1.º Visconde de Reguengo e 1.º Conde de Avillez

Brazão d'armas do general Jorge d'Avillez

Nas vesperas das batalhas da Roliça e do Vimeiro

PROCLAMAÇÃO

Dos Commandantes em Chefes das Forças de Sua Magestade Britannica empregadas em auxilio dos Leaes Habitantes do Reino de Portugal

Habitantes de Portugal:
He chegado o tempo de libertar a vossa Patria, e de restaurar o Governo do vosso legitimo soberano.
Sua Magestade Britannica, nosso amabilissimo Rei e senhor, satisfazendo aos desejos e ardentes supplicas, com que Portugal de

todas as partes lhe tem pedido soccorro, vos tem mandado para esse fim hum Exercito da Inglaterra destinado a cooperar com a sua Armada, que já cruza em vossas Costas.

Os Soldados Inglezes desembarcão em vossas praias, animados de puros sentimentos de amizade, fidelidade e honra.

A gloriosa empreza, em que vos achaes empenhados, tem por objecto o que ha de mais caro ao homem; a protecção de vossas mulheres e filhos; a restauração do vosso legitimo soberano; a independencia, ou para melhor dizer, a existencia do vosso Reino, e a estabilidade da vossa Santa Religião.

Semelhantes objectos só poderão conseguir-se por assignaladas provas de valor, e de constancia.

O nobre esforço contra a tyrannia e usurpação da França, será sustentado pelas forças unidas de Portugal, Hespanha, e Inglaterra; e para o successo feliz de huma causa tão justa, como gloriosa, os designios de Sua Magestade Britannica são iguaes áquelles, de que vós mesmos vos achaes animados.

Lavos 4 de Agosto de 1808.

(assignados)

Arthur Wellesley.
Charles Cotton.

PROCLAMAÇÃO

Do General Commandante do Exercito Portuguez aos Soldados do Exercito Francez em Portugal

Soldados do Exercito Francez! He chegado o momento de fallar sem rebuço a quem se recusou até agora de entender a linguagem da rasão.

Abri os olhos, soldados, sobre o abysmo immenso de males, que cavou debaixo de vossos pés a ambição insensata do vosso Imperador, a impolitica, a avareza, a barbaridade sanguinaria dos vossos generaes.

Escutai a voz, o clamor de hum Exercito, que tem provado, que se póde ser soldado, e humano, e reunir no mesmo peito o mais intrepido valor com a Religião, e com a Moral.

Que esperaes vós de Exercitos de Portuguezes, de bravos Inglezes, de feros Hespanhoes, nossos caros Alliados, inimigos jurados do vosso Governo, que ha atrozmente afrontado huns, e perseguido outros? Forjar grilhões á vossa Patria, ou perder a vida no Campo da Batalha. Que triste alternativa! Comtudo he essa a vossa sorte.

Mas hum Principe Alliado, e trahido...! Mas hum Povo hospitaleiro, e roubado..! Mas huma Nação Pacifica, e assassinada...! reclama a nossa vingança...

Hum só meio vos resta de evitar tão dura sorte.

Abandonai as vossas Bandeiras! vinde unir-vos aos nossos Exercitos; e em nome do Principe, em nome da Nação vos prometto que sereis tratados como amigos, e tereis o prazer de tornar hum dia ás vossas familias desoladas pela dôr da vossa perda.

Este conselho nem o Dever, nem a Honra bem entendida o contrariam.

Mas soldados, se ha alguns entre vós insensiveis ás doces emoções da Religião e da Humanidade, que elles não desamparem os seus Postos: Taes monstros são pelo menos, hum fardo pesado ao Universo: Elles são bem dignos da causa que defendem, e da recompensa que os espera.

Soldados tomai o vosso partido, em quanto he tempo: O nosso está tomado.

Dada no Quartel General do Exercito Portuguez 10 de Agosto de 1808.

(assignado)

Bernardim Freire de Andrada.

PROCLAMAÇÃO

Do General Commandante do Exercito Portuguez aos seus Soldados

Soldados do meu commando, meus compatriotas, e amigos! Não he para reanimar os vossos corações, menos ainda para accender em vós o fogo do enthusiasmo, o amor da gloria, que eu vos falo hoje: estas considerações serião por certo indignas do alto conceito que a tão justos titulos merece o vosso reconhecido valor e nobreza das vossas almas. Mais importantes fins reclamam n'este momento a minha attenção e o meu zelo.

Nós vamos medir-nos com os nossos Inimigos, os Inimigos do nosso Principe, e da nossa Patria: vae-se decidir a nossa sorte. Vêde, se vos convêm ser livres, ou escravos; ricos, ou miseraveis; homens, ou brutos sem culto, sem costumes, sem civilisação; viver em paz na nossa Patria, ou levar a destruição e a morte a paizes remotos em proveito de um Traidor.

E porventura não estão ainda presentes á vossa imaginação estas scenas horriveis de carnagem, com que o inimigo pretendia abater os vossos animos, espalhando assim o terror para consumar a obra do seu infame despotismo? O sangue dos vossos concidadãos, barbaramente derramado, não deslumbra já as vossas vistas com o seu vapor fumegante? Os gritos dolorosos de tantas victimas innocentes, sacrificadas todos os dias, e por todos os modos, ao idolo da irreligião e da immoralidade de nossos preversos aggressores, não vos espantarão, não vos aturdirão? Vossa Patria envolta em pó, ensanguentada, moribunda, e já reclinada sobre o tumulo, que lhe preparára o Governo Francez, já não provoca a vossa indignação, e as vossas lagrimas?

Eia pois Soldados! eis ahi aberto o caminho da gloria: eis ahi a materia dos triumphos, e o dia da justiça.

Soldado de caçadores em 1808

(Copia d'uma aguarella do Ex.mo Sr. Visconde de Reguengo)

Mas, Soldados, lembrai-vos, que não he tanto do numero, quanto da direcção, que pende a força dos Exercitos: que a victoria he quasi sempre o premio da subordinação, e da disciplina: que os louros do triunfo são reservados aos que sabem sustentar a intrepidez, e valor a par do soffrimento, e de todo o genero de privações. A bondade do governo, o amor activo dos vossos chefes tem procurado todos os meios de diminui-las: vós o sabeis. Preparai-vos todavia para as affrontar, por maiores que ellas sejão: o vosso interesse permanente deve ser preferido a incommodos casuaes: a sua breve duração se equilibrará com o pezo, e a intensidade dellas.

Na empresa a mais famosa, de que haverá memoria nos Fastos da Nação Portugueza, batalhando á vista de nossos Alliados, Guerreiros de consumada experiencia, da mais austera disciplina, espera-se de vós toda a constancia, de que he capaz um homem profundamente convencido da importancia de seus deveres, E qual seria o infame, que desampararia seus Postos, e não preferiria a morte a mais alguns dias de vida, sem honra, e sem proveito?

He de vós, e de nossos Alliados, que a Europa espera hoje a sua liberdade: ella vos observa pois com a mais circunspecta attenção. Quereis se diga, que a vileza de vossos sentimentos sepultára novamente a Europa, e, pode ser, o Mundo inteiro, n'um abysmo insondavel de males? Então vós serieis tidos por huns fracos, por huns cobardes: vossas familias romperião os vinculos, que a ellas vos unem: vossos netos se cobrirão de pejo ao ouvir os vossos nomes, e amaldiçoando o dia, que os vio nascer, arrastarião os grilhões do seu captiveiro, até ás mais remotas gerações: vossos camaradas vos verião com a maior indignação; e vossos chefes vos entregarião, sem piedade, como fracos e traidores, á justa severidade das leis.

Mas não, Soldados: eu vos conheço bem. A providencia vos destina hoje para dar a esses *Francezes*, a mais energica lição e á vossa Patria a alegria do triunfo. Lembrai-vos, que sois Portuguezes; que sois filhos de Heroes: sejamos Heroes como elles. Vamos, soldados, pôr o ultimo remate a esta lucta horrivel. Vencer, ou morrer he a nossa obrigação. Dada no Quartel General de Coimbra aos 11 de Agosto de 1808.

(assignado)

Bernardim Freire de Andrada.

A quinze dias de vista...

Letras que não obrigam a protesto

L

Palavras amigas ao leitor feliz que está ausente de Lisboa. Faz-se a justiça de acreditar que se elle soubesse o que por cá vae em materia de calor, teria muita pena da gente. Mas afinal verifica-se que o homem não se importa com isso lá, por causa de uma coisa. Dá Deus doenças conforme o dinheiro de cada um. — Côrtes prorogadas e sessões nocturnas. Parlamento animatographico. A isenção dos paes da Patria. Subsidio por agua abaixo. — Os emprezarios theatraes e a futura época. Noticias e palpites.

Oh tu que me lês espapaçado n'uma cadeira de vime no parque frondoso de algum estabelecimento thermal onde estejas desopilando a figadeira ou concertando o estomago combalido por excessos de gula ou difficuldades de digestão; — estirado sob as historicas e rumorejantes arvores do Ramalhão, por cujas franças ainda ciciam suspiros fundos das lindas açafatas da senhora D. Carlota Joaquina; — nas silenciosas sombras do melancholico Bussaco, pascendo os olhos no mais maravilhoso scenario da paysagem portugueza; — na casa terrea de algum casalito ignorado alvejando entre olivedos e faias sulcadas de aguas rumorosas de regatos e sob a cupula azul do céu, — quem quer que sejas, homem meu irmão, faço-te a justiça de acreditar que, se avaliasses as torturas que n'este momento passo, garatujando palavras para entreteres os ocios da tua villegiatura, n'uma atmosphera de forno, cujos effeitos nada atenua, do banho frio ao capilé gelado, tu elevarias teus olhos peccadores ao céo e implorarias para mim a misericordia divina n'esta simples exclamação: — Coitado!

Mas não. Tu has de ser como todos nós, mano homem, um egoista de marca. E' preciso, tambem, fazer-te esta justiça. Sentes-te bem, não é assim? Pois é quanto te basta e o que exclusivamente te importa. E, digo-te com a maxima franqueza, fazes tu muito bem, goza, trata-te. Bebe a tua agua, passeia, come bem, bebe melhor, arrisca os teus cinco tostões sinhos na batota para sentires pular o coração de sensações extranhas e engordares esse encantador cavalheiro de cabeça calva como um joelho e a propria consciencia, que com a sua mão ducal, esplendidamente tratada e constellada de preciosas pedras, vae puxando as cartas do monte ou fazendo girar a bola da roleta ou mexendo os dados da banca franceza. Fuma o teu charuto, lê os teus jornaes, escreve á tua pequena, ouve os ultimos versos do inevitavel poeta lyrico que ahi deve estar a teu lado com sua gaforina de cão d'agua e seus olhitos listrados de cão de regaço; aprecia a romanza de mademoiselle *Tres Estrellas*, que é o encanto de todas as pessoas que teem a felicidade de conviver com a interessante e graciosa menina, dansa a tua valsa com a esposa do conselheiro *Cinco Estrellas*, (lindo pseudonymo para um cavalheiro e soberba marca de cognac) joga as prendas, descompõe a Companhia dos Tabacos, que é agora o requinte do *chic*, com a vantagem de se insinuar que se possuem acções, joga o diavolo, passeia em burrico, esbarronda um automovel contra um carro de bois, dorme, ressona de assobio, vira-te para o outro lado, sonha, acorda e recomeça...

Estimo as tuas melhoras; desejo mesmo o teu completo restabelecimento. E' do figado que soffres? Pois do coração almejo vêr-te, lá para novembro, com esse berbicacho na perfeição.

Não me retribuas o cumprimento. Eu não tenho figado. Eu não posso ter figado. E' um luxo superior ás minhas posses. Não me entendes? Pois eu me explico, contando-te uma deliciosa anedocta de Julio Cesar Machado.

Um bello dia encontrou o Julio um escriptor muito conhecido, descendo de uma carruagem.

— Olá! Viva o luxo! De trem?!

— E' verdade. Umas malditas vertigens que me atiram por terra, de forma que não posso andar a pé. E' um perigo... Você nunca teve?

O bom Julio levantou os seus grandes e luminosos olhos e respondeu com ar compungido:

— Eu?! Isso sim! Eu não estou em circumstancias de ter uma doença d'essas!...

Precisamente o que se dá commigo. Relativamente a figado, as minhas circumstancias só me permittem comel-o em iscas.

***

Não lhes dizia eu ha quinze dias? Cá temos a sessão legislativa prorogada e proposta apresentada e approvada no sentido de as duas casas do parlamento terem sessões nocturnas. De modo que, em pleno agosto, as côrtes permittem-se o luxo dos animatographos *chics* ás quintas-feiras e domingos: *matinée* e sessão nocturna, annunciando fitas de grande successo, como: a questão vinicola, o orçamento, a discussão dos adeantamentos na camara alta, etc., etc., além da discussão de grande numero de projectos de iniciativa ministerial e de deputados. Um d'elles, que parece não será adoptado, segundo se diz, é o do deputado republicano dr. Brito Camacho, arbitrando subsidio aos membros da camara electiva durante os tres mezes de sessão.

Eu não sei que mais admirar: se a intrepidez dos senhores deputados frequentando assiduamente a sua camara n'esta quadra de horriveis calores á razão de duas sessões diarias, se o stoicismo de suas excellencias renunciando ao subsidio proposto por um seu collega e que, vamos lá com Deus, não é precisamente uma peste. Tres mil trezentos e trinta e tres réis por dia nunca fizeram mal a ninguem e muito menos a almas christãs, que suam as estopinhas empenhadas pela felicidade de cinco milhões de creaturas. Mais do que isso gastarão os paes da patria em sorvetes, carapinhadas, *lunchs* e merendas, obrigados, como vão ser, a passar a vida em S. Bento.

Mas elles que tencionam recusar o subsidio lá teem suas razões de consciencia, ou acham que não o merecem ou acham... pouco.

Como quer que seja, d'esta escapamos nós. E já que os nossos illustres deputados parecem estar em maré de escrupulos em materia de dispendio de dinheiros publicos, Deus permitta que persistam na tineta. Mas lá diz o rifão que não ha bem que sempre dure nem mal que muito ature.

Infelizmente.

***

Fechadas as casas de espectaculos, ahi vão os respectivos emprezarios em peregrinação por esse mundo de Christo, a retemperar as fibras e a catar novidades para as exhibições da época futura.

O sr. Freitas Brito lá anda por Italia, salto aqui, salto acolá, palpitando este, contratando aquelle, na organisação do elenco de S. Carlos.

O sr. commendador Santos tambem partiu já á procura de numeros de sensação para a abertura do Colyseu dos Recreios, que se annuncia para o fim de setembro. Que mais arranjará elle? Eu sei lá! Algum elephante que escreva á machina ou alguma mulher que engula predios de cinco andares! Capaz d'isso é elle.

O sr. visconde de S. Luiz Braga, o infatigavel e intelligentissimo emprezario do theatro D. Amelia, seguiu na semana passada para o estrangeiro, na amavel companhia do amabilissimo Antonio Manuel. Tambem este, depois da sua costumada temporada nas aguas de Contrexeville, rodopiará pela Italia, pela França, pela Hespanha, á

Visita do Senhor D. Manuel ao quartel de artilharia 1

Na parada do quartel

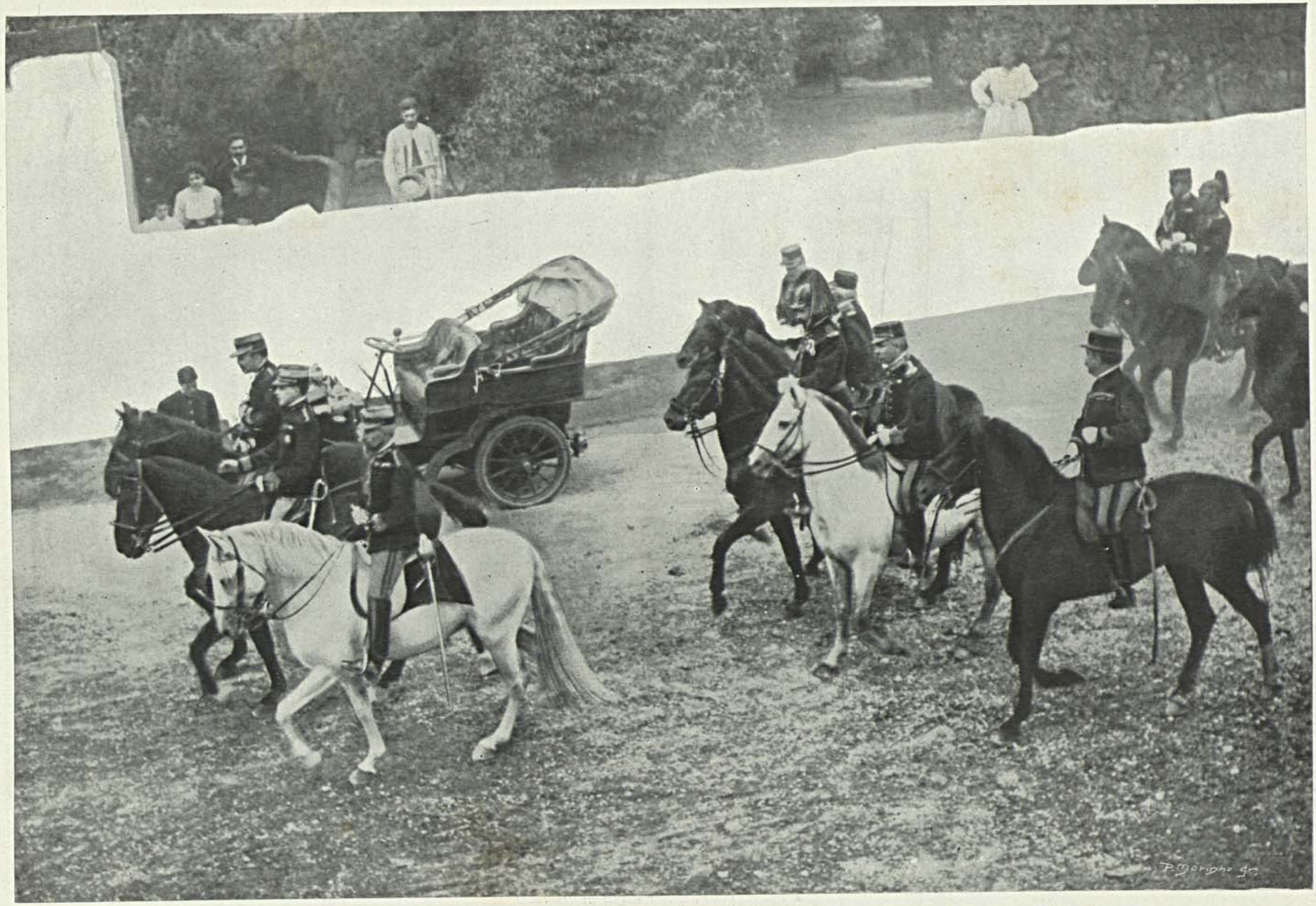
El-Rei, coronel Mathias Nunes, conselheiro Sebastião Telles, general Craveiro Lopes, capitão Pessoa e outros officiaes do regimento

Visita do Senhor D. Manuel ao quartel de artilharia 1

El-Rei sahindo d'uma das casernas

(Cliché de Benoliel).

Visita do Senhor D. Manuel ao quartel de artilharia 1



Primeiro passeio de El-Rei pela cidade. — *O senhor D. Manuel sahindo do quartel de artilharia 1 acompanhado dos srs. ministro da guerra, general da divisão e officialidade do regimento*

(*Cliché* de Benoliel).

procura, como dizia o outro «de rutilantes estrellas no formoso firmamento da arte.» E ha de encontral-as, pela certa, porque Braga é homem que pela certa joga sempre. Estou em prometter um olho ao diabo se elle não nos trouxer a Gramatica ou a Reiter. Verão se o meu palpite falha.

As emprezas dos outros theatros tambem se preparam. Taveira, o honrado e brioso emprezario, abalançou-se a contractos importantissimos para a proxima época: nada mais nada menos que o barytono Mauricio Bensaude (e porque não Moysés?), Izabel Fragoso e Julio Camara que em Italia tem conquistado justa e invejavel reputação de excellentes artistas. E já que estamos em maré de inconfidencias, dir-lhes-hei que Affonso Taveira porá em scena uma opera comica de Lopes de Mendonça, musica de Augusto Machado — *O espadachim do Outeiro*, e repetirá o antigo e magnifico repertorio d'aquella casa, ha tanto tempo entregue á traça dos archivos poeirentos por falta de interpretes idoneos.

A época futura, na Trindade, promette, pois, ser brilhantissima, honrando a tradição da casa e o nome prestigioso de quem a dirige. Oxalá que os esforços do sympathico emprezario sejam coroados do melhor exito.

José Antonio do Valle, o nosso Valle do Gymnasio, tambem não dorme. Que fará elle? Isso, agora... O trabalho d'este velho macacão é todo de sapa. Em todo o caso direi: o pouco que sei, mas não estou auctorisado a dizer, é o bastante para poder calcular com segurança uma temporada feliz ao alegre theatrinho que o Valle dirige ha cinco annos a contento de gregos e troyanos.

E por mais não constar mais se não diz.

CAMARA LIMA.

Visita de El-Rei ao Hospital Militar da Estrella

El-Rei cumprimentando os officiaes que o aguardavam

Politica internacional

É fóra da Europa que n'este momento se estão desenrolando os acontecimentos, que mais prendem a attenção geral. Por muito tempo a Asia, a não ser na sua região extremo-oriental — no Japão e na China — foi para nós uma terra muda. Eis, comtudo, que de repente na Persia e na India, estes dois antigos berços da civilisação ariana, se produzem successos, que pódem gravemente comprometter a paz do mundo ou pelo menos perturbar algumas nações, cujo *statu quo* está intimamente ligado á paz geral. A revolução na Persia, felizmente de effeitos internacionaes muito attenuados, graças á recente celebração do tratado anglo-russo, póde ainda assim e dadas certas hypotheses dar logar a complicações na situação das duas potencias.

O movimento abertamente revolucionario n'uma parte da India póde crear á Inglaterra uma crise identica, mas muito mais melindrosa do que a atravessada por ella durante a guerra do Transwaal. E facilmente se comprehenderão os perigos que pódem advir para a paz da Europa do repentino enfraquecimento no momento actual da Inglaterra, encontrando-se a Russia, em virtude dos seus recentes desastres, ainda impossibilitada de representar o antigo papel entre as grandes potencias.

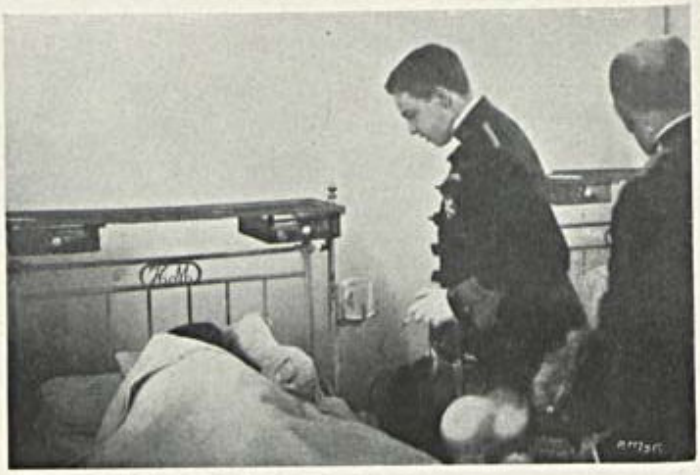
Por isso, embora passando se longe da Europa, os acontecimentos da Persia e da India devem ser seguidos com a maior attenção. Não ha mesmo duvida alguma, que, se no momento actual a Inglaterra e a Russia não tivessem chegado ao accordo amigavel, que póde ser o prologo de uma futura alliança, se já o não é, a contra revolução de Teheran teria sido o fatal pomo de discordia ha tanto tempo previsto entre os dois potentados asiaticos.

***

O que é a actual revolução ou melhor contra revolução de Teheran, reproduzida agora ao que parece em maiores proporções em Tebriz? Torna-se difficil responder com precisão a esta pergunta, tratando-se de um paiz como a Persia, de tão difficil accesso para os occidentaes, onde a colonia europeia é tão pequena, e além d'isso quasi que limitada á capital. Temos de fazer obra por informações indigenas de segunda e terceira mão, e principalmente por fontes suspeitas de traduzirem apenas os interesses de qualquer das partes envolvidas na contenda.

Assim sem descer a pormenores, cuja veracidade não póde por agora garantir se, e sem entrar na apreciação de quem tem a razão pelo seu lado, o que só mais tarde deve vir a saber-se, conhecem-se *grosso modo* os principaes incidentes da revolução actual.

E' de todos sabido que, com bastante má vontade e sómente a isso constrangido, acceitou Mahemed-Ali a herança politica do fallecido Schah. Perante as difficuldades, porém, inherentes a um começo de reinado e sobretudo diante do enthusiasmo que uma parte da população manifestava pela constituição recentemente outorgada, o Schah actual teve de acceitar como um facto consummado o regimen parlamentar. No entretanto desde o primeiro dia, influenciado pelos elementos reaccionarios da côrte, só pensou em destruir pela força o que era obrigado pela força das circumstancias a tolerar provisoriamente.



O Senhor D. Manuel junto do leito de um doente de gravidade, pronunciando palavras de conforto

Pelo seu lado a *meijiss*, isto é a assembleia popular, exagerando ao que parece as suas attribuições e illudindo-se com respeito ao seu proprio poder, lançou se n'uma lucta aberta contra a burocracia em que o Shah se apoiava. Além d'isso para auxiliar a *Meijliss* e dar-lhe força nas suas reevindicações fundaram-se por toda a parte na capital e nas provincias, mas principalmente em Teheram, numerosos *anjumans*, isto é, clubs politicos, de caracter accentuadamente revolucionario, que a todo o momento intervinham nas deliberações da assembleia nacional suggerindo lhe ou antes

El-Rei despedindo-se do director do hospital, dr. Adriano Cavalheiro

(*Clichés* de Benoliel).

impondo-lhe a attitude intransigente, que não podia deixar de levar a uma rompimento.

Em presença d'esta situação Mahemed-Ali procedeu como todos os fracos. Procurou ganhar tempo, sujeitando-se apparentemente ao que d'elle os deputados exigiam. Entretanto reunia pouco a pouco os elementos que lhe eram fieis, e com o pretexto de ir passar o verão ao seu palacio dos arredores da capital, refugiou se no verdadeiro campo intrincheirado em que o tinha convertido, no meio de perto de dez mil homens, e d'ali respondeu ao *ultimatum* da *Meijliss* para despedir da côrte um certo numero de funccionarios mandando atacar pelos seus cossacos o proprio edificio da representação nacional, e dispersando a tiros de artilheria os deputados. A partir d'este momento a contra revolução, ha tanto tempo planeada, affirmava se pela força. Na capital, graças á relativa organisação dos cossacos, commandados pelo coronel russo Liakhov, foi a resistencia dos nacionalistas esmagada. Nas provincias, porém, onde as forças do Shah não estão organisadas, os constitucionaes disposeram-se a resistir e póde dizer-se que uma guerra civil começou já. Sobretudo em Tebriz a lucta entre constitucionaes e reaccionarios tem continuado encarniçadamente e até este momento não se põde prevêr qual dos dois partidos terá a vantagem. A situação é no entretanto grave para Mahemed-Ali, o vencedor do momento.

O imperio está em plena revolta, a administração póde dizer-se que não existe, e no meio de todo este cahos o governo nem tem prestigio nem dinheiro para se fazer obedecer. Por agora a lucta está circumscripta aos constitucionaes e aos partidarios do Schah, mas não é de admirar que dentro em pouco appareça qualquer pretendente, como é de praxe em todos os paizes orientaes, que mais venha complicar ainda a situação.

A prova de que Mahemed-Ali se não sente muito seguro, apesar da sua apparente victoria, está na convocação por elle feita de uma nova assembleia, que deverá reunir-se dentro de alguns mezes, e na promessa feita solemnemente aos representantes da Russia e da Inglaterra de que a constituição seria mantida.

Effectivamente, depois dos morticinios de Teheran e de Tebriz, a convocação de um novo parlamento só póde significar o empenho de socegar a opinião e de desarmar até certo modo os constitucionaes. Semelhante parlamento ou não chega a reunir-se ou vae ter a mesma sorte do seu predeccssor.

Entretanto o Schah ganhará o tempo preciso para que a excitação actual se acalme e para que as forças reaccionarias melhor se organizem para a batalha definitiva.

De qualquer dos modos a situação da Persia é sobremaneira critica, e a revolução que ali está seguindo o seu curso vae servir de pedra de toque á solidez do accordo anglo-russo — uma cousa parecida com o papel que desempenhou o conflicto de Marrocos a respeito da *entente cordiale*.

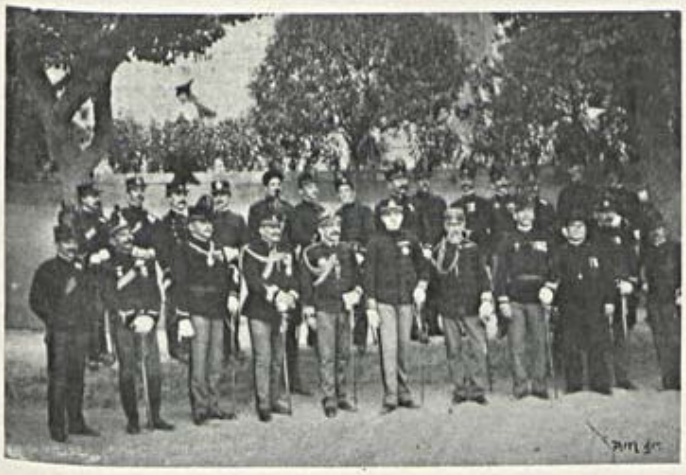
***

A situação da India cada dia se torna mais difficil para a Inglaterra. Não ha duvida de que, apesar dos beneficios que os hindus devem á Grã-Bretanha, nunca os inglezes poderam encontrar na sua grande dependencia asiatica mais do que uma submissa resignação ao jugo imposto, sem amor nem dedicação, e muito menos sem a perspectiva de uma fusão de interesses entre as duas nações.

Mas ultimamente a submissão tradicional dos hindus foi pouco a pouco sendo substituida por um sentimento de revolta, ao principio latente, mas depois aberta e declarada. Fundou-se uma imprensa indigena de proposito para combater o predominio inglez, e esta imprensa, de que é typo o jornal *Bande Mataram*, chegou a extremos de linguagem que nada deixam a desejar comparados com os pamphletos mais vermelhos da nossa Europa. A revolta prégou-se nos tons mais subversivos do Himalaya ao cabo Comorin. Parallelamente a esta campanha da imprensa instituiu-se o congresso nacional pan-hindu, que de anno para anno vae adquirindo mais importancia, pela qualidade e pelo numero sempre crescente dos seus membros, constituindo actualmente o mais perigoso fóco separatista na India, porque representa a opinião dos intellectuaes e não o simples sentimento das massas inconscientes do hinduismo. E como se tudo isto não bastasse, *the last but not the least*, vieram os crimes do nihilismo indiano, perfeitamente copiados dos attentados da Europa, dar á situação um aspecto de ineludivel gravidade. As bombas de dynamite estalam hoje em Calcuttá e em Poona como podem estalar em S. Petersburgo, em Barcelona ou em Odessa. Se não é desde já a revolução declarada, como por occasião da revolta dos cipayos, é com certeza o prologo de inquietadores acontecimentos n'um futuro proximo. Contra o perigo supposto ou real de uma invasão da India pela Russia defenderam-se os inglezes primeiramente com a alliança anglo-japoneza e depois com o accordo anglo-russo. Contra o perigo, porém, de um levantamento nacional não póde a Inglaterra precaver-se efficazmente, do momento em que a India persista no seu proposito de emancipação.

Que pode fazer o minusculo exercito anglo-indiano contra a vontade de perto de 300 milhões de homens? Cousa alguma. Não é portanto com soldados ou com couraçados, para a hypothese de quasi nenhum valor, que a Inglaterra póde conservar a India. A salvação do dominio inglez no Hindustão está apenas na divisão dos elementos indigenas e na impossibilidade de se reunirem n'um esforço commum. *Divide ut imperas*, é o unico processo que pode manter o actual *statu-quo* na India. E diga-se a verdade, não são necessarios prodigios de machiavelismo para a Inglaterra conseguir este resultado. E' a propria historia da India, desde os tempos mais remotos, que lavra sem appellação a sentença, que condemna á esterilidade todas as tentativas de emancipação da peninsula, pelo menos n'um proximo futuro. A India não é uma nação, mas apenas

El-Rei no quartel de caçadores n.º 5



El-Rei, o sr. ministro da guerra, o sr. general Craveiro Lopes e os officiaes de caçadores n.º 5

El-Rei no quartel de caçadores n.º 5
Assistindo aos exercicios

El-Rei no quartel de caçadores n.º 5
O Senhor D. Manuel n'uma das janellas, deixando-se photographar

(*Clichés* de A. C. Lima).

uma expressão geographica. No vasto territorio, conhecido por este nome e tão grande quasi como a Europa, vivem povos inteiramente dissimilhantes, falam-se variadas linguas, algumas das quaes nada teem entre si de commum, luctam pela hegemonia differentes religiões, cujos sectarios respectivamente se combatem com feroz encarniçamento. Como póde todo este cahos politico, ethnographico, linguistico e religioso, unificar-se n'uma mesma aspiração de independencia? E' n'esta impossibilidade de união da India que está por agora a salvação da Inglaterra. Estál-a-ha sempre? Seria temerario affirmál-o.

CONSIGLIERI PEDROSO.

Os mortos da quinzena

Conde de Tondella. — Um crime barbaro commettido em Aldeia Nova do Cabo no dia 4 d'este mez, roubou a vida a este illustre titular, uma das mais prestigiosas figuras da Beira Baixa. Depois de contra elle disparar a espingarda homicida, por motivos

Conde de Tondella
† a 4 de agosto de 1908

ainda hoje desconhecidos, seu sobrinho, o dr. Pedro Cabral d'Aragão Costa Lacerda da Victoria, que ainda ha pouco sahira dos bancos da Universidade, tentou suicidar-se, em seguida, e ficou em estado gravissimo, sendo no dia seguinte transportado para o hospital de S. José.

O conde de Tondella possuia uma avultada fortuna.

General Nery Delgado. — O general de divisão Joaquim Filippe Nery Delgado, geologo dos mais illustres, escriptor scien-

General Joaquim Filippe Nery Delgado
† a 3 de agosto de 1908

tifico dos mais fecundos, presidente da commissão dos trabalhos geologicos, inspector geral das minas, socio da Academia Real das Sciencias, era uma individualidade em relevo na mais culta sociedade portugueza. Victimou-o, na Figueira da Foz, uma pneumonia dupla, aos 73 annos d'edade.

Monsenhor Santos Viegas. — O abbade de S. Thiago d'Anta, o antigo prior da freguezia dos Martyres de Lisboa, que foi fulminado por uma congestão cerebral, quando se achava no Luso, era um sacerdote exemplar, e um homem de fino trato. Deputado

Monsenhor Santos Viegas
† a 2 de agosto de 1908

durante muitos annos, presidente da camara electiva, par do reino, recebeu estas honrarias politicas do partido regenerador, em troca dos muitos e valiosos serviços que lhe prestára e da inalteravel dedicação com que o servira. Era um homem de bem, prestimoso, intelligente, e sem vaidades.

Conde de Villa Verde. — D. Pedro Angeja era um excellente moço, que os pergaminhos não envaideciam, não obstante serem os mais puros e illustres da velha fidalguia portugueza.

Quando ao trabalho precisou recorrer, foi-se ao encontro d'elle, consagrando-lhe todas as horas, todos os pensamentos, precipitando

Conde de Villa Verde
† em Africa

porventura a morte, pelo excesso de actividade com que procurou nobilitar a vida. Voltou de Africa, perdeu em mezes o que conquistára em annos de uma féra labuta, — ao contrario de outros, que aos primeiros revezes succumbem, da adversidade tirou novas forças, e para Africa se dirigiu de novo, e quando outra vez ia arrancar ao trabalho novos recursos veio a morte iniqua e roubou-o prematuramente á familia, aos amigos, e a quantos admiravam essas qualidades raras.

Augusto de Lacerda

(Da escultura de Teixeira Lopes).

A publicação do seu ultimo livro *As duas patrias*, em verso, edição primorosa ha pouco sahida das officinas do Commercio do Porto, traz-lhe ao nome neste momento uma actualidade flagrante.

O Brasil e Portugal são as duas patrias que o poeta enlaça em estrophes sentidas e levantadas, cantando na nossa lingua, sonorosa e vibrante, as glorias de uma e de outra patria.

A El-Rei de Portugal e ao Presidente da Republica Brasileira consagra Augusto de Lacerda este poema, em homenagem a Portugal e ao Brasil por occasião do Centenario da Abertura dos Portos Brasileiros ao commercio do mundo.

O poemeto *Os dois gigantes*, um dos mais bellos do livro, termina com estes formosos alexandrinos:

Pedro Alvares, ao ver sumir-se o negro vulto,
a sua alma repõe do férvido tumulto.
Apura mais o olhar: ainda duvidava
se estaria sonhando ou accordado estava,
O panno que tombara inerte, em calmaria,
inflammava novamente; a rota proseguia.
Rompendo a escuridão na orla do Levante
a aurora se apresenta em rubro cambiante.
E Pedro então, sorrindo, um plano logo traça
para contrariar a tétrica ameaça...
Depois, soltando a voz com rigido escarcéu
como para abarcar a um tempo mar e céo:

PEDRO ALVARES

Testemunhas sereis, mas d'um enorme bem,
ó abismos sem fim, ó vastidões d'além!
Em letras de oiro escreva o constellado espaço
Conte ás praias o mar no seu amante abraço
que o nascer deste dia, em resplender fecundo,
é Portugal que avança a illuminar o Mundo!

Quem foi Barba Azul

O Barba Azul, que figura n'uma porção de lendas nascidas na Bretanha, e que hoje são universaes, não foi um personagem imaginario, mas sim real e effectivo, e os seus crimes não se limitaram, — antes muito longe d'isso, — a dar morte ás suas sete esposas para castiga-las da curiosidade, que não sabiam reprimir.

A maioria dos investigadores identificou a pessoa d'elle com a de Gil de Rais, commummente chamado Retz. Era senhor de Laval e de outra porção de titulos, barão de Rais, marechal de França, conselheiro do rei Carlos VII, e um dos magnates mais poderosos e mais ricos da Europa.

Tinha sido companheiro de armas e amigo inseparavel de Joanna d'Arc, a quem auxiliou e salvou da morte em mais de um combate.

As suas riquezas eram immensas. Possuia cidades, villas e aldeias innumeraveis, mais de 50 senhorios com os seus castellos, as suas terras e os seus privilegios, e uma renda de mais de dois milhões e meio de francos, fortuna, verdadeiramente enorme n'aquella epoca, quando o dinheiro valia quarenta vezes mais do que hoje.

Apesar d'isso, nada era bastante para a sua prodigalidade. Em dez mezes gastou em Orléans mais de quatro milhões de francos. A sua casa militar compunha-se de 200 cavalleiros, arautos, escudeiros e homens d'armas, equipados, alimentados e alojados por elle. Da sua casa ecclesiastica formavam parte 30 cónegos, aos quaes quiz repetidas vezes fazer mitrados, e innumeraveis cantores; cada um tinha cavallos e creados, e para se apresentarem no côro ostentavam trajos mais custosos, que os do mais opulento cardeal. Basta dizer-se, que Gil de Rais gastou uma vez 14:000 escudos (500:000 francos) em tres peças de tela de ouro para os seus capellães.

A sua paixão pela musica chegava quasi a ser loucura. Constituia para elle uma verdadeira necessidade, e tinha mandado construir orgãos portateis que, nas suas numerosas viagens, eram transportados aos hombros, por grupos de seis homens robustos. A sua outra grande paixão eram as grandes festas religiosas, as procissões e, sobretudo as representações theatraes de «mysterios» e de «autos». O seu mysterio favorito era o intitulado *Do sitio de Orléans*, em que figurava elle mesmo, e no qual se reproduziam todos os episodios bellicos em que havia tomado parte com Joanna d'Arc.

Quando chegava a uma cidade mandava montar grandes estrados, de 40 a 50 metros de largura, sobre os quaes fazia representar o mysterio pelos seus comicos e figurantes, que eram nada menos de 500, e que todos se apresentavam magnificamente vestidos. Uma representação d'estas custava uma verdadeira fortuna. Para dal-as faziam-se subscripções publicas nas cidades, e os moradores eram obrigados a concorrer e a pagar preços enormes pelos seus logares; a entrada custava, em termo medio, um franco, e os camarotes alugavam-se ás vezes á razão de 85 francos cada um, o que equivalia a 40 francos de hoje por entrada e a 340 francos por camarote, isto é, tres vezes mais do que o preço de um camarote de primeira ordem em S. Carlos ou no D. Amelia, de Lisboa, em recitas de preços altos para ver representar ou cantar as maiores notabilidades do estrangeiro.

Chegou um momento em que, depois de ter pedido emprestadas quantias muito superiores a tudo quanto sommava a sua riqueza, o magnate recorreu ás artes magicas para arranjar dinheiro. Occupou-se da transmutação dos metaes. Fez-se alchymista e rodeou-se de feiticeiros. Evocou os diabos, e para sellar os seus pactos com elles não vacillou em acudir aos sacrificios humanos.

Uma velha chamada La Meffraie percorria os campos acercando-se das creanças que guardavam gados ou que mendigavam; e, afagando-as, attrahia-as ao castello do senhor de Rais, d'onde não tornavam a sahir. Emquanto as victimas foram filhos de camponezes ou infelizes creanças abandonadas, não houve queixas. Porém, augmentando com a impunidade o atrevimento da velha e o do senhor de Rais, começaram ambos a sequestrar creanças, filhas de gente abonada e de posição. As creanças desappareciam ás dezenas, e o clamor publico chegou a tomar tanto vulto, que alguns burguezes se resolveram, apesar dos perigos que n isso corriam, a apresentar uma denuncia em regra contra o terrivel barão. O bispo de Nantes, João de Maletroit, a quem Gil havia offendido mortalmente, invadindo com violencia uma das suas egrejas, acceitou a queixa, e pondo-se de accordo com o duque de Bretanha, que do mesmo modo detestava o magnate, abriu uma informação, cujos resultados foram o descobrimento de uma serie de espantosos crimes commettidos pelo senhor de Rais e que, a serem verdadeiros, deixam muito para traz de si, em execração, os de Nero e de Tiberio.

Gil de Rais não fugiu. Confiava no seu poder e considerava-se isento da jurisdicção do duque de Bretanha e do bispo. Foi preso, apesar d'isso, e embora protestasse contra a competencia dos seus juizes, não poude protestar contra as dezenas de paes que, chorosos, o accusavam, nem contra o espirito publico, profundamente sublevado contra elle.

N'uma torre do seu castello de Champtocé encontrou-se uma arca enorme completamente cheia de ossos calcinados de creanças. Analogos achados se fizeram nos subterraneos dos seus castellos de Suza, de Nantes, de Rais, de Tiffanges, de Machecoul, e, n'uma palavra, em todos os logares onde havia residido.

Calculou-se que, pelo menos, tinha dado a morte a 149 creanças, sem contar um numero illimitado de mulheres, sete das quaes, segundo se dizia, tinham sido suas esposas legitimas.

Convencido de que era inutil negar os seus crimes, acabou por confessar tudo.

Não tinha morto as suas infelizes victimas só pelo desejo de sacrifica-las aos espiritos e ao diabo, nem para as suas artes magicas; mas tambem, e mais principalmente, para satisfazer as suas paixões. Gosava com o aspecto da morte e do sofrimento, e tinha chegado ao extremo de não sentir maior prazer que o de vêr expirar seres humanos fracos, mulheres e creanças, no meio de agonias espantosas. A sua physionomia expressava a maior satisfação, contemplando as suas victimas a contorcerem-se nas derradeiras convulsões. Para

Conde das Alcaçovas
Novo par do reino

mais gozar, costumava sentar-se sobre ellas quando agonisavam, e insultava-as, e inventava martyrios com que pudesse augmentar os soffrimentos d'ellas.

No dia 25 de outubro de 1440, Gil de Rais compareceu ante o tribunal para ouvir a leitura da sentença, que o condemnava a ser queimado vivo, na praça publica, e deante de todo o povo.

A sua physionomia era extraordinaria. Tinha de Rais, então, trinta e seis annos. Era homem de claro raciocinio, de formosa presença, de estatura magestosa, de grande força muscular, e de uma perfeita distincção. Os seus cabellos eram loiros, e o seu fino bigode e a sua barba extremamente negros, assim como as grandes pestanas, que assombreavam os seus grandes olhos azues.

Usava fato de damasco preto, guarnecido de pelles tambem pretas, com cinto, botões e alamares de aço polido. Cobria-lhe a cabeça um gôrro de velludo, egualmente preto. Os reflexos d'este traje sombrio confundiam-se com os do negro azulado da sua barba.

Em frente dos juizes e do publico, a sua physionomia contrahiu-se e o seu olhar tornou-se sinistro; dilataram-se-lhe os olhos, as faces empallideceram-se-lhe intensamente, erriçando-se-lhe a barba «com reflexos azulados como os das azas dos corvos», diz um historiador.

Joaquim da Cunha Telles de Vasconcellos
Novo par do reino

Então, toda a concorrencia, tomada de odio e de horror, appellidou-o *Barba Azul*, nome que lhe ficou para sempre, e pelo qual é conhecido em todos os recantos da Bretanha, do Anjou, da Vendêa e do Pitou, onde, segundo as lendas populares affirmam, subsistem ainda as ruinas phantasticas dos seus numerosos castellos.

O senhor de Rais foi, com grande valor, para o supplicio, e não desmentindo o seu gosto pelas procissões, quiz ir com extraordinaria pompa, acompanhado por dois dos seus maiores cumplices, até ao logar onde o enforcaram (por muito especial mercê) antes de o queimarem.

Os tres réus marcharam cantando o *De profundis*, que o bispo, o clero, os frades e o povo acompanhavam em voz alta. Quando o enforcavam, ouviu-se outro canto funebre: era uma procissão de

Conde das Galveias
Novo par do reino

monges conduzindo um feretro coberto com os escudos de armas do réu, e precedidos de seis damas com trajes brazonados, e cobertas com veus brancos. Acompanhavam a esposa de Gil de Rais e sua filha, de quatorze annos, as quaes vinham para tomar posse do corpo, afim de o levarem á egreja dos Carmelitas. Quando o cadaver foi retirado da fogueira, meio carbonisado, as duas senhoras cobriram-lhe a face de beijos. Durante tres dias, os paes e as mães da Bretanha jejuaram, e açoitaram, até ao derramamento do sangue, os seus filhos, conforme o uso d'aquelles tempos, para que conservassem na memoria o castigo de tão grande criminoso.

Tal foi o verdadeiro Barba Azul. Em um dos numeros de *La Revue*, do começo do anno de 1901, confirma-se com o estudo de documentos, até agora desconhecidos, a verdade d'esta historia, e a identificação de Gil Rais com Barba Azul. Apenas variam alguns pormenores, como aquelle de Gil de Rais, segundo o artigo de *La Revue*, não ter tido as sete mulheres de que falaram os historiadores e a lenda, mas sim apenas tres, e que d'estas, morreram duas, quando Barba Azul não tinha mais do que treze a quartoze annos. A mulher, que lhe sobreviveu, — casou com Gil, quando este tinha dezeseis annos.

Barbosa du Bocage
Novo par do reino

Notas de "sport,,

Regata de canoas monotypos promovida pelo Real Club Naval
A canôa «Laura», que obteve o 1.º premio, dando a volta á baliza da Trafaria

Bibliographia

O conde de Linhares — Dom Rodrigo Domingos Antonio de Sousa Coutinho.

O sr. marquez do Funchal, descendente do velho fidalgo e estadista portuguez, que teve aquelle titulo e aquelle nome, acaba de publicar um livro que lhe dá honra, e que apparece no momento opportuno, visto que o Brasil vae commemorar o centenario da abertura dos seus portos ao commercio do mundo.

E' um bom trahalho de investigações historicas que vem lançar luz sobre uma epoca que, apesar de não ser muito remota, encerra numerosos pontos obscuros.

Ao dr. Affonso Pena, presidente da Republica dos Estados Unidos de Brasil, dedica o sr. marquez do Funchal o seu livro, porque o Brasil vem, como o auctor diz, «fazer justiça posthuma á pleiade illustre que se estabeleceu na côrte do Rio de Janeiro em 1808, em que avultam duas personagens pertencentes á sua e nossa historia, uma o imperador e rei D. João VI, que tão erroneamente tem sido apreciado pelos historiadores contemporaneos, e outra o seu secretario de Estado e ministro da guerra e dos negocios estrangeiros, D. Rodrigo de Sousa Coutinho, conde de Linhares». E accrescenta o sr. marquez do Funchal que, «sendo bisneto legitimo d'estes dois homens e por varonia do ultimo, injuria faria ás suas mais notaveis acções, deixando-as sepultadas em ingrato esquecimento, n'esta hora em que a sua gloria revive».

Crenças e Revoltas

Este volume recente do sr. Fernão Botto Machado é uma nova affirmação dos seus principios politicos do seu ideal republicano.

Quasi todos os homens evidentes n'esse partido teem um logar nas *Crenças* e *Revoltas*, ou porque a photogravura os reproduz n'aquellas paginas, ou porque o autor consagra a cada um d'elles, um capitulo do seu livro em que trata e debate os mais variados problemas sociaes.

Algumas palavras sobre a Evolução da Arte em Portugal.

Pela sinceridade com que escreve, o conhecimento dos assumptos que visa, o sr. José de Figueiredo é um escriptor á parte, com um logar já assignalado por trabalhos de valor.

A arte, nas suas manifestações multiplas, tem de preferencia occupado a sua actividade mental e diga-se em abono da verdade, dos escriptores que nos ultimos tempos d'ella se teem occupado, nenhum trouxe maior copia de elementos para o estudo da evolução operada em Portugal.

N'este livro recente, que em edição de luxo, acaba de sahir das officinas da Livraria Ferreira, documenta largamente o sr. José de Figueiredo o seu valor, como investigador e como critico.

Os que se interessam pela arte portugueza, em toda a esphera da sua acção, os que queiram apprender como ella teem evolucionado, aquelles emfim para quem este assumpto valha um pouco mais que a nomeação de um regedor de parochia ou a collocação de um sino d'aldeia, leiam o livro ponderado, justo, honesto, com que o sr. José de Figueiredo acabou de illustrar o seu nome.

As edições da Livraria Central de Gomes de Carvalho na Rua da Prata.

São tantos os volumes com que esta acreditada casa editora tem ultimamente abastecido o mercado litterario, que entendemos subordinar ao titulo acima as palavras que vamos consagrar-lhes.

Temol-as presentes e basta citar-lhes os titulos para se reconhecer o serviço que a variadas classes da sociedade presta, com a publicação d'elles, o editor Gomes de Carvalho. Ora são romances historicos, em fórma popular, como os de Faustino da Fonseca, ora estudos de sociologia como o *Divorcio*, de D. Alberto Bramão, ora volumes de propaganda, como a traducção de *A proxima revolução*, do grande Tolstoï, ora finalmente, volumesinhos, em que se lança, ao conhecimento de todos, assumptos que se prendem com a hygiene, com a biologia, com o desenvolvimento da raça, etc., e cujos titulos por vezes induzem a erro. Acabamos porém de lêr esses livrinhos que se chamam *Os mysterios da fecundação*, *As doenças do amor*, *O instincto sexual e suas aberrações*, a *Hygiene dos prazeres do amor*, e outros ainda, e chegámos á conclusão de que teem todos elles uma grande utilidade pratica, porque são afinal tratados de medicina popular, conselhos de uma utilidade flagrante, dada a premissa de que é mais proveitoso o conhecimento do que a ignorancia do mal, onde quer que elle exista.

MUSEU DONIZETTI

Em Constantinopla foi ha pouco installado um pequeno museu no qual se guardam as principaes reliquias do celebre compositor italiano.

Lá estão depositados os autographos de Donizetti, as suas joias, os seus retratos, os brindes de maior valor que lhe foram offerecidos, uma abotoadura de brilhantes, offerta de Rossini, um relogio de ouro que lhe foi dado por occasião da estreia da sua ultima opera, a chave com que o maestro costumava afinar o seu piano, uma batuta e, entre muitos objectos intimos, um numero do *Charivari* de 1840 com a caricatura de Donizetti dirigindo uma orchestra grotesca.

Mas, porque está este museu em Constantinopla e não na patria do grande maestro italiano?

Nada mais simples. Em 1817 o sultão da Turquia Mahomed II, querendo que o seu exercito possuisse boas bandas militares, pediu ao embaixador da Sardanha que lhe arranjasse um bom musico e o musico recommendado foi José Donizetti irmão do celebre maestro.

Quando este morreu é claro que todos os seus objectos intimos foram parar ás mãos do irmão, que então vivia em Constantinopla, e cujos descendentes ainda vivem na capital turca, tendo installado em casa o curioso museu de que acabamos de fallar.

NOTAS DE "SPORT,, — Regata de canôas monotypos promovida pelo Real Club Naval
A canôa «Tainha» do dr. Manuel de Castro Guimarães

Exposição do Rio de Janeiro

Grande Album de Expositores, Exportadores e outros annunciantes

DA

EMPREZA DO "BRASIL-PORTUGAL,,

A apparecer brevemente

Alem dos 88 annunciantes já inscriptos, cujos nomes publicámos no ultimo numero, temos a accrescentar os seguintes:

A Constructora	Porto
Collegio de Santa Maria	Porto
Maison Saint Joseph	Lisboa
Casa das Balanças — João Manoel da Fonseca	Lisboa
Rouparia Paris-Queiroz & Ribeiro	Lisboa
Hotel d'Inglaterra	Lisboa
Hotel Continental	Porto
João Ribeiro de Mesquita	Porto
Casa Pathé	Porto
Antonio Rodrigues Cardoso	Porto
José da Silva Reis	Porto
Antonio d'Almeida Costa & C.ª	Porto
Papelaria Araujo & Sobrinho	Porto
Diogo José Navarro	Porto
Casa Mimoso	Lisboa
Fructuaria de Villa do Conde	Villa do do Conde
Aguas de S. Vicente	Entre-os-Rios
Fabrica de Pianos	Porto
Rodrigues Pinto & C.ª	Porto
Casa da Saude Portuense	Porto
Banco do Minho	Porto
Companhia Vinicola Portuguesa	Porto
Collegio de S. Carlos	Porto
Albino Pinheiro Xavier	Porto
Oliveira & Comp.ª	Porto
Estamparia de Bulhão	Porto
José Augusto Dias F.º e C.ª	Porto
Emilio Biel & C.ª	Porto
Albino Barbosa	Porto
Andrade Junior & Irmão	Porto
Manuel Alves Porto Guimarães	Porto
Dias Ferreira & C.ª	Porto
Portugalia	Villa do Conde
Escola Academica do Porto	Porto
Antonio Coutinho	Carregado
Aguas de Melgaço	Porto
José Fernandes Caldas	Porto
Elyseu d'Oliveira & C.ª Sucessores	Porto
Julião D. Monteiro	Porto
Manuel Alves d'Oliveira	Porto
Eduardo Romualdo Teixeira de Vasconcellos	Porto
Collegio de Nossa Senhora da Victoria	Porto
Brandão, Gomes & C.ª	Porto
Hotel Maria	Porto
Pires Marinho	Lisboa
Os deliciosos Vinhos de Paredes	Porto
João Thomaz Cardoso & F.º	Porto
Manuel F. da Costa & C.ª	Porto
Araujo & Sobrinho	Porto
Badiana Dr. Quintella	Porto
Fundição de Massarellos	Massarellos
Rocha Oliveira & Irmão	Porto
A. G. Silva Barrosa	Porto
Menagére	Porto
Anastacia d'Abreu	Porto
Allen	Porto
Custodio José Rodrigues	Porto
Papelaria Guimarães	Porto
Salgado Sobrinho	Porto
Ventura & Teixeira	Porto
Credit Franc Portugais	Porto
Pereira Abreu & Filhos	Porto
Grande Serração de Campanhã	Porto
Carlos Alberto d'Almeida	Gaya
Warre & C.ª	Porto
Antonio Joaquim Henriques	Gaya
Morgou Brottero	Gaya
Manuel Pinto Mourão	Porto
Armazens Andressen	Porto
J. H. Andressen Successores	Porto
Padaria Luso Viennense	Lisboa
A Democratica	Gaya
Casa Alves	Porto
Hotel Luso Brasileiro	Povoa
Companhia Fração Portuense	Porto
Cutello & C.ª	Porto
Grande Hotel Braga	Braga
A. H. Simões & Irmão	Gaya
Machado & Commandita	Gaya
Banco Alliança	Porto
Officinas de Marcenaria	Porto
Serafim J Moura	Porto
Manuel Pinto Lisboa Junior	Rio Tinto
Bazar	Porto
Grande Hotel dos Herminios	Serra da Estrella
Antonio Almeida da Costa & C.ª	Porto
Soares Bastos & C.ª	Porto
A. R. das Neves	Porto
Carvalho & Mendes	Gaya
Hotel Sul Americano	Porto
Valente Perfeito	Gaya
Machenrie Drisioll & C.ª	Gaya
Butler Nephen & C.ª	Porto
C. N. Kopke & C.ª	Gaya
Taylor Fladgate & Jeateman	Gaya
Antonio José da Silva	Porto
Valente Costa & C.ª	Porto
Ramos Pinto	Porto
Eletricidade Thomsom Horeston Iberia	Porto
Hotel Universal	Gerez
Serração de Campanhã	Porto
Pianos	Porto
Kendal (Alfredo)	Porto
José Pereira Valente & F.ºs	Gaya
A Portuense	Porto
Andrade Villares	Porto
John Hitzman	Porto
Thermas das Taipas	Braga
Alfredo Carneiro do Nascimento & Filhos	Porto
Alfredo Moreira da Silva	Porto
Ribeiro Pinto & Costa	Porto
Antonio Nascimento, Filhos	Porto
Grande Hotel Universal	Caldas de Vizella
Hotel Franqueira	Braga
Grijó & C.ª	Porto
Luiz Ferreira Alves & C.ª	Porto
F. W. Flover	Porto
José da Costa Junior	Braga
Joaquim José de Barros	Braga
Grande Hotel Maia	Caldas do Gerez
Grande Hotel do Parque	Braga
Manuel J. Gomes	Braga
Joaquim da Costa	Braga
Fabrica do Minho de Bolachas e Biscoitos	Braga
Fabrica Social Bracarensse (chapeos)	Braga